



03 DE JULHO DE 2015

Sexta-feira

- **POLO AUTOMOTIVO DO PARANÁ RECUA NO TEMPO**
- **VENDA TOTAL DE VEÍCULOS NOVOS CAIU 20,67% NO 1º SEMESTRE DE 2015**
- **VOLVO SUSPENDE CONTRATOS DE 407 FUNCIONÁRIOS EM CURITIBA**
- **VENDAS DAS FÁBRICAS FICAM ESTÁVEIS EM JUNHO NO PAÍS, SEGUNDO A ABRAMAT**
- **FIESP: INA COM AJUSTE TEM ALTA DE 1,2% EM MAIO**
- **MINAS-RIO EXPORTOU 2,211 MI/T DE MINÉRIO**
- **USIMINAS PLANEJA RETOMAR VENDA DE ATIVOS**
- **S&P CORTA PERSPECTIVA DA NOTA DE CRÉDITO DA CSN**
- **QUEDA NOS PREÇOS DO MINÉRIO DE FERRO PREJUDICA ECONOMIA DA AUSTRÁLIA**
- **FABRICANTES COM INVESTIMENTOS EM CURSO ADEQUAM ESTRATÉGIAS**
- **VENDAS DE MATERIAIS CONSTRUÇÃO NO BRASIL RECUEM 0,1% EM JUNHO, DIZ ABRAMAT**
- **INDÚSTRIA DO BRASIL RECUA EM JUNHO, 5º MÊS SEGUIDO DE QUEDA, MOSTRA PMI**
- **PRODUÇÃO INDUSTRIAL REAGE, MAS NÃO RECUPERA**
- **FCA ANUNCIA INVESTIMENTO DE US\$ 280 MILHÕES NA ÍNDIA**
- **ANEEL REALIZA LEILÃO NA TENTATIVA DE VIABILIZAR NOVAS TÉRMICAS A GÁS**
- **FENACON APONTA AUMENTO DE ATÉ 25% NO ISS NO PROJETO DO SUPERSIMPLES**
- **CAPACIDADE INSTALADA DA INDÚSTRIA CAIU PARA 80,1% EM MAIO, APONTA CNI**

- GERDAU DIZ QUE CRISE ATUAL NÃO POUPA NEM 'PIPOQUEIRO'
- METALÚRGICOS DA MITSUBISHI ENCERRAM GREVE EM CATALÃO
- TERMOMECANICA INVESTE R\$ 1,2 MILHÃO EM ÁREA DE PRODUÇÃO
- PEDIDOS DE FALÊNCIA CRESCEM NO PRIMEIRO SEMESTRE DESTA ANO
- ACABA DE SER LANÇADO O "MANUAL DE PROCEDIMENTOS PARA O TERCEIRO SETOR"
- CHINA RETIRA EMBARGO A MEGA NAVIOS DE MINÉRIO DA VALE
- MERCEDES PROPÕE AOS FUNCIONÁRIOS CORTE DE 20% NA JORNADA E DE 10% NOS SALÁRIOS
- SÓ EMPRESAS LEVES SOBREVIVERÃO
- LIGHT ASSINA CONTRATO PARA VENDER FATIA NA RENOVA ENERGIA
- MINÉRIO DE FERRO RENOVA MÍNIMA DE 10 SEMANAS NA CHINA COM ALTA NOS ESTOQUES
- PRODUÇÃO DE AÇO NO JAPÃO DEVE CAIR 6% NO 3º TRIMESTRE, DIZ MINISTÉRIO

CÂMBIO		
EM 03/07/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,122	3,122
Euro	3,462	3,464

Fonte: BACEN

Polo automotivo do Paraná recua no tempo

03/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Observação SINDIMETAL/PR: Veja comentário do Presidente do SINDIMETAL/PR, Alcino Tigrinho, no Subtítulo "Para empresários, recuperação do setor deve ficar para 2016"



O polo automotivo do Paraná voltou nove anos no tempo. Se mantiver o ritmo dos últimos meses, a produção de veículos terminará o ano no nível mais baixo desde 2006, ligeiramente abaixo do patamar de 2009.

Os efeitos dessa retração, que começou no primeiro semestre do ano passado, se alastram pela cadeia de fornecedores, com forte queda no faturamento das empresas e demissões em massa.

Os primeiros sinais de recuperação só devem aparecer, na melhor das hipóteses, no fim deste ano, segundo empresários e especialistas consultados pela **Gazeta do Povo**.

Depois de recuar 21% em 2014, a produção paranaense de carros, caminhões, ônibus, reboques e carrocerias encolheu 35% no acumulado dos quatro primeiros meses deste ano, segundo o IBGE. O faturamento dos fabricantes, por sua vez, caiu 18% no ano passado e, de janeiro a abril de 2015, baixou mais 21%, de acordo com a Federação das Indústrias do Paraná (Fiep).

Não há números consolidados sobre as centenas de empresas que fornecem componentes ou prestam serviços para as montadoras do Paraná e de outros estados. Mas os dados disponíveis sugerem que a situação delas não é melhor. A receita das fábricas de autopeças, por exemplo, caiu 17% em 2014, segundo o Sindipeças – e não há indícios de que tenha voltado a subir.

O lado mais dramático da crise é o do emprego. Em maio, as indústrias automotiva e de máquinas agrícolas e seus respectivos fornecedores dispensaram quase 700 trabalhadores formais no estado, segundo o Ministério do Trabalho.

Desde o ano passado, 7,5 mil pessoas foram demitidas, a maioria na Região Metropolitana de Curitiba, que concentra grande parte das empresas do setor. E os contratos de aproximadamente mil trabalhadores estão suspensos, pelo regime de layoff, na Volkswagen e na Volvo.

Estoque

O estoque de veículos nos pátios de fábricas e concessionárias era equivalente a 49 dias de vendas em junho deste ano, o correspondente a entre 323 mil e 325 mil unidades encalhadas, segundo a Fenabrave.

Esse nível supera em 10 dias o estoque registrado em junho do ano passado. As vendas totais acumulam retração de 20,67% no primeiro semestre deste ano.

Perfil

A retração não é exclusividade do Paraná. A crise do mercado interno e a crônica dificuldade da indústria automobilística em exportar derrubaram produção, faturamento e emprego em todo o país. Os números paranaenses, no entanto, têm sido ligeiramente piores que os nacionais.

A fatia do polo do Paraná na produção brasileira, calculada pela Anfavea (associação das montadoras), recuou nos últimos dois anos, saindo de 15,1% em 2012 para 11,6% em 2014. Em parte, porque as empresas daqui haviam crescido acima da média nos anos anteriores. Mas o perfil da produção local também pesou.

“Marcas com fábrica no Paraná, como Renault e Volkswagen, estão entre as mais afetadas pela crise”, diz Raphael Galante, da Oikonomia Consultoria Automotiva. “Por outro lado, marcas de valor agregado mais alto e produtos *premium*, como Honda, Toyota e Hyundai, estão sofrendo menos ou até crescendo.”

Segundo a Anfavea, de janeiro a maio as vendas da Renault caíram 20% e as da Volkswagen, 28%. Na média, o mercado brasileiro de automóveis e utilitários encolheu 18%.

As vendas de caminhões diminuíram ainda mais, cerca de 42%. As da Volvo, instalada em Curitiba, despencaram 57%. “Nos caminhões, a queda está concentrada nos modelos pesados e extrapesados, especialidade da Volvo, que são mais afetados pela crise”, explica Galante.

Exportação definha

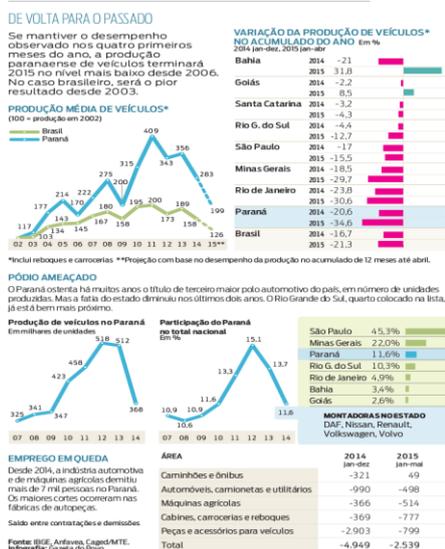
O Paraná exportou US\$ 331 milhões em veículos e componentes de janeiro a maio, 29% menos que no mesmo intervalo de 2014. O resultado foi o pior dos últimos 13 anos.

As receitas de exportação da Renault caíram 47%; as da Volvo, 29%; e as da Bosch, 11%. A exceção é a Volks, que, após anos de baixa, elevou as vendas ao exterior em 18% neste ano.

19 meses de baixa

As montadoras brasileiras estão demitindo há 19 meses. Desde o início dos cortes, em novembro de 2013, 21,4 mil pessoas perderam o emprego.

Segundo a Anfavea, no momento mais de 30 mil funcionários – de 138,2 mil empregados no total – estão sem trabalhar no país, por suspensão de contratos (layoff), férias individuais ou coletivas e licenças remuneradas.



Para empresários, recuperação do setor deve ficar para 2016

A indústria automotiva não deve experimentar uma retomada mais consistente antes de 2016. Para 2015, espera-se no máximo um início de reação. "O segundo semestre será apenas menos caótico que o primeiro", avalia Raphael Galante, da Oikonomia.

"Ninguém espera uma recuperação para antes do segundo semestre do ano que vem", diz Alcino Tigrinho, presidente do Sindimetal-PR, que representa a indústria metal-mecânica. Para ele, a crise atual é mais grave que as anteriores porque pegou os fornecedores do setor automotivo descapitalizados. "As empresas vinham trabalhando com margens de lucro extremamente apertadas, não só pelo jogo duro das montadoras, mas pela concorrência com os equipamentos importados."

Novembro

Almiro Costa, diretor do grupo Methal Company, espera que o mercado pare de cair até o mês que vem e comece a dar sinais de recuperação por volta de novembro. "Não se trata de voltar aos níveis anteriores, mas de começar a tirar o nariz para fora da água", diz.

Segundo ele, as receitas com o segmento automotivo caíram 40%. E o grupo – que fornece equipamentos metálicos para máquinas agrícolas, caminhões, ônibus e automóveis – teve de cortar 30% do quadro de pessoal, dispensando 80 pessoas em suas fábricas de Curitiba e Fazenda Rio Grande.

Exceção

Caso raro na cadeia automotiva, a Soft Eletrônica conseguiu elevar o faturamento em 7% no primeiro semestre. Especializada em componentes eletrônicos para automóveis, a empresa, que tem unidades em Curitiba e Pato Branco, conseguiu retomar os negócios com a Argentina, destino de até 30% da produção. O foco no mercado de reposição também ajudou.

"Nosso principal canal de vendas é o mercado de carros seminovos, que está mais aquecido", explica Thiago Camargo, gerente comercial. Apesar da alta na receita, o lucro caiu. "Estamos gastando mais com visitas aos clientes, por exemplo. Quase não paro na empresa. O momento exige", conta.

Venda total de veículos novos caiu 20,67% no 1º semestre de 2015

03/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo



A venda de veículos novos no Brasil caiu 20,67% no primeiro semestre deste ano, em relação a igual período do ano passado, divulgou nesta quinta-feira (2) a **Federação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Fenabrave)**. De janeiro a junho de 2015, foram emplacados 1.318.985 automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus, cerca de 344 mil a menos do que nos seis primeiros meses do ano passado.

Em junho deste ano, mês com 21 dias úteis de venda, os licenciamentos de veículos somaram 212.535 unidades, o que equivalente a uma retração de 19,4% na comparação

com o total vendido durante 20 dias úteis de junho do ano passado, quando as vendas já haviam sido prejudicadas pela Copa do Mundo.

Na comparação com maio, também com 20 dias úteis de vendas, os emplacamentos praticamente se mantiveram estáveis em junho, ao cair apenas 0,07%.

Segmentos

As vendas de automóveis e comerciais leves juntos, por sua vez, caíram 19,76% no primeiro semestre deste ano frente um ano atrás, ao somarem 1.269.853 unidades. Só em junho, os emplacamentos desse segmento totalizaram 204.627 unidades, queda de 0,16% ante maio e recuo de 18,35% na comparação com o mesmo mês do ano passado. De acordo com a Fenabrave, no mês passado foram emplacados 175.272 automóveis e 29.355 comerciais leves.

O segmento de pesados apresentou o pior desempenho nas vendas. De janeiro a junho deste ano, os emplacamentos de caminhões e ônibus juntos recuaram 38,79% em relação a igual período de 2014, ao somarem 49.132 unidades.

Desse total, 7.908 foram licenciadas em junho, o equivalente a alta de 2,24% ante maio, mas a retração de 38,88% na comparação com junho do ano passado. No mês passado, foram vendidos 6.210 caminhões e 1.698 ônibus em todo País.

Motos e implementos

Somando motocicletas, implementos rodoviários, máquinas agrícolas e outros veículos, o total de emplacamentos no primeiro semestre foi de 2.053.114 unidades, o equivalente a queda de 17,62% na comparação com os seis primeiros meses de 2014.

Só em junho, as vendas totais do setor de distribuição de veículos recuaram 1,25% na variação mensal e 14,45% na comparação anual.

Revisão

A Fenabrave anunciou também mais uma revisão para baixo de todas as suas projeções para desempenho das vendas do setor automotivo em 2015. É a terceira revisão realizada pela entidade desde o início deste ano. As últimas mudanças de estimativas tinham sido feitas em março e abril.

A Fenabrave espera agora que os emplacamentos totais de veículos novos deverão somar 2,662 milhões de unidades em 2015, o equivalente a queda de 23,8% ante as 3,498 milhões de unidades vendidas o ano passado.

A nova previsão é bem mais pessimista do que as retrações de 18,93% estimada em abril, de 10% prevista até março e de 0,53% projetado no início do ano.

Pelas novas previsões divulgadas nesta quinta, o segmento de caminhões continua sendo o que deverá ter o pior desempenho. A Fenabrave prevê que as vendas deverão cair 45% em 2015 na comparação com 2014, ao totalizarem 75.380 caminhões licenciados.

Até então, as estimativas da federação eram de recuos de 41% (abril), de 10,5% (março) e de 1,2% (janeiro).

Para o segmento de ônibus, a entidade que representa as concessionárias revisou a previsão de recuo de 21% previsto até abril e passou a prever tombo de 24% nos licenciamentos.

A Fenabrave espera que, neste ano, serão emplacados 24.351 ônibus. Em janeiro, a entidade previa retração de apenas 0,7% para as vendas do segmento neste ano ante 2014.

Já para o segmento automóveis e comerciais leves juntos, a Fenabrave projeta agora retração de 23% nas vendas neste ano, previsão pior do que as quedas de 18% estimada até abril, de 10% prevista em março e de 0,5% projetada no início de 2015.

A entidade prevê que serão vendidos 2.563.126 unidades, sendo 2.127.394 automóveis e 435.731 comerciais leves.

Estoque de veículos em junho era suficiente a 49 dias de vendas

O estoque de veículos nos pátios das fábricas e concessionárias era equivalente a 49 dias de vendas em junho deste ano, o correspondente a entre 323 mil e 325 mil unidades encahadas, informou nesta quinta-feira (2), o presidente da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), Alarico Assumpção.

Segundo ele, esse nível supera em 10 dias o estoque registrado em junho do ano passado e é igual ao de maio.

Assumpção avaliou que o estoque está em níveis "muito elevados". Para o setor, um estoque considerado normal é equivalente a 30 dias de vendas.

"Várias fábricas estão em processo de redução temporária de produção. Com tudo isso, acredito que em até 60 dias esse estoque poderá ser reduzido", afirmou durante entrevista coletiva para comentar o desempenho das vendas de veículos.

Pessimismo

Com vendas totais acumulando retração de 20,67% no primeiro semestre deste ano, a Fenabrave considera que o setor chegou ao "fundo do poço", avaliou a economista Tereza Fernandes, da MB Associados, que presta consultoria econômica para a entidade.

De acordo com ela, a previsão para o segundo semestre é de que o desempenho dos emplacamentos seja igual ao dos seis primeiros meses de 2015.

Tereza destacou que, mantidas as atuais condições econômicas e políticas, "não há como imaginar um cenário muito diferente" do que a projeção da entidade de queda de 23,87% nos emplacamentos em 2015 ante 2014.

A previsão foi divulgada nesta quinta-feira e marca a revisão de estimativa feita pela entidade este ano.

"A princípio, não pretendemos mudar nossas projeções, mas as incertezas políticas e econômicas estão tão elevadas, que não sabemos o que pode acontecer mais", ponderou a economista.

Volvo suspende contratos de 407 funcionários em Curitiba

03/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Em meio à forte queda de suas vendas, a Volvo suspendeu temporariamente na quarta-feira (1.º) os contratos de 407 trabalhadores de sua fábrica na Cidade Industrial de Curitiba (CIC). As informações são do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC).

A suspensão temporária, também conhecida como layoff, normalmente é válida por até cinco meses. Mas, no início de junho, um acordo negociado entre a empresa e os funcionários estabeleceu um layoff de até sete meses. Nesse caso, a suspensão pode durar até o início de fevereiro de 2016.

O regime de layoff está previsto na Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). O trabalhador com contrato suspenso recebe seguro-desemprego do governo por até cinco meses, e a empresa complementa o pagamento, de modo que o funcionário receba o equivalente a seu salário normal. Ao fim do período de layoff, os trabalhadores podem ser reintegrados ao trabalho ou dispensados, a critério da montadora.

Pelo acordo firmado com os trabalhadores, a Volvo se comprometeu a pagar o salário integral no sexto e no sétimo mês da suspensão, se ela durar até lá.

Greve

Entre 8 de maio e 1.º de junho, mais de 2,5 mil funcionários da Volvo paralisaram os trabalhos, na [maior greve da história da montadora em Curitiba](#). Eles protestavam contra o plano da companhia de reduzir a participação nos lucros e resultados (PLR) de R\$ 30 mil para R\$ 15 mil, em troca da manutenção dos empregos até o fim do ano – a empresa argumentava que a queda na produção, provocada pela crise econômica, gerou um excedente de 600 funcionários.

No acordo, o PLR foi mantido em R\$ 30 mil, desde que atingido o mesmo volume de produção de 2014, com primeira parcela de R\$ 8 mil. Empresa e funcionários também acertaram as condições de um plano de demissões voluntárias (PDVs), além de correção salarial pela inflação.

VENDAS EM QUEDA

A Volvo vendeu 3,5 mil caminhões no Brasil nos cinco primeiros meses do ano, 57% menos que no mesmo período de 2014, segundo a Anfavea. As vendas de chassis de ônibus da empresa no mercado interno também recuaram: a baixa foi de 26%, para 480 unidades.

O mercado internacional também não está favorável. Em cinco meses, a montadora faturou US\$ 83 milhões, valor 29% inferior ao de igual intervalo do ano passado.

LAYOFF NA VOLKSWAGEN

A fábrica da Volkswagen em São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba, recorre ao layoff desde o início do ano passado. A montadora fez várias rodadas de suspensão de contratos. No momento, cerca de 600 trabalhadores estão com os contratos suspensos, conforme o SMC.

Vendas das fábricas ficam estáveis em junho no País, segundo a Abrammat

03/07/2015 - Fonte: Diário do COMércio

As vendas de materiais de construção pela indústria ficaram praticamente estáveis em junho, quando houve queda de 0,1% na comparação com o mesmo mês de 2014, de acordo com dados deflacionados de faturamento da Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat). Na comparação com maio, houve baixa de 3,0%.

No acumulado do primeiro semestre, em relação ao mesmo período do ano passado, a variação também foi negativa, de 7,0%. Já o resultado acumulado dos últimos 12 meses apresentou queda de 6,8%.

De acordo com a Abrammat, embora a queda de vendas em junho tenha sido pequena, o

mercado continua com os problemas verificados ao longo do primeiro semestre. Entre os fatores negativos, a instituição cita a redução das reformas em função do aumento do desemprego, diminuição na renda das famílias e o adiamento de investimentos devido à desaceleração da economia como um todo.

"Estamos esperando um segundo semestre melhor que o primeiro, porém não o suficiente para reverter a queda das vendas em 2015", afirma o presidente da entidade, Walter Cover. Para o ano de 2015, a previsão da Abrammat aponta para uma retração de 2,0% nas vendas em relação a 2014.

Em junho, o nível de emprego na indústria de materiais de construção teve queda de 4,8% na comparação com igual mês do ano passado. Ante maio de 2015, houve queda de 0,7%.

Varejo - Já as vendas do varejo cresceram 6% em junho, na comparação com o mês de maio. Já na relação junho de 2015 sobre junho de 2014, o desempenho foi 10% superior. O aumento ocorreu em todas as regiões do país, com destaque para o Sul (12%) e o Nordeste (9%), seguidos pelo Norte (8%), pelo Centro-Oeste e Sudeste (com 6% cada).

"Já esperávamos por uma recuperação das vendas no mês, pois o nosso desempenho em junho do ano passado ficou muito aquém do esperado, por conta do número de dias úteis que foram afetados pelos jogos da Copa do Mundo.

Com os resultados apresentados em junho, o setor fecha o primeiro semestre do ano com crescimento acumulado de 3%, que é semelhante ao desempenho nos últimos 12 meses", explica o presidente da Anamaco, Cláudio Conz.

Segundo a pesquisa, lojas de todos os portes apresentaram recuperação nas vendas em junho, mas o volume foi maior nos estabelecimentos de porte médio. "As lojas de médio porte, que são aquelas que possuem de 11 a 50 funcionários, tiveram aumento de vendas de 13% no mês. Já nas pequenas esse índice foi tímido, de 2%, enquanto que os home centers tiveram, em média, aumento de 5% no volume de vendas no período", completa Conz.

Entre as categorias pesquisadas, os destaques foram para louças sanitárias e metais sanitários, que tiveram aumento de vendas da ordem de 6% cada. Fechaduras e ferragens e telhas de fibrocimento tiveram desempenho 5% superior. Tintas apresentaram um índice de 4% de aumento. Já revestimentos cerâmicos e cimentos ficaram estáveis no período.

Fiesp: INA com ajuste tem alta de 1,2% em maio

03/07/2015 - Fonte: Diário do Comércio

O Indicador de Nível de Atividade (INA) da indústria paulista subiu 1,2% em maio ante abril, na série com ajuste sazonal. Na série sem ajuste, a elevação foi de 2,0%, informou ontem a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Na comparação de maio com o mesmo mês de 2014, na série sem ajuste sazonal, o indicador caiu 7,7%. No acumulado do ano, o INA registrou queda de 3,6% ante os cinco primeiros meses de 2014. No acumulado em 12 meses, as perdas chegam a 4,8%.

Segundo o diretor do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depecon) da Fiesp e do Ciesp, Paulo Francisci, a variação positiva em maio se deve à base de comparação muito baixa em abril. "Comparamos maio com um outro mês que foi muito

fraco. Mas se compararmos com o mesmo mês em outros anos, vemos que o crescimento de maio é muito modesto, porque este costuma ser um bom mês", diz.

Fraca - A variação do mês de maio *versus* abril é uma das mais baixas da série histórica da pesquisa, iniciada em 2001. Mesmo em 2009, ano da crise financeira global, o desempenho industrial registrou um avanço mensal superior ao resultado de 2015, na série sem ajuste sazonal.

"Não podemos interpretar a pequena alta como, talvez, um processo inicial de recuperação, ou que o pior já passou. Seria ledo engano. Nossa perspectiva para o ano mantém-se muito ruim, com o aprofundamento da crise no segundo semestre", afirma Francini. O Depecon projeta uma queda de ao menos 5% para a atividade industrial paulista neste exercício.

O setor de produtos químicos se destacou na pesquisa, com ganho de 0,7% em maio *versus* abril, impulsionado por aumento de 3,1% na variável Total de Vendas Reais.

As exportações do setor também corroboram o desempenho positivo do segmento. Já no campo das perdas, destaque para a indústria de minerais não metálicos, que registrou queda de 1,5%. O saldo negativo de 1,9% da variável Horas Trabalhadas na Produção foi uma das influências negativas ao desempenho do setor.

Nuci - O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) ficou em 79,0% em maio, ante 80,6% de maio de 2014 e 78,9% de abril, na série sem ajuste. Já na medição com ajuste, o Nuci do mês passado foi de 78,9%, ante 79,8% de maio de 2014 e 78,8% de abril de 2015.

O INA de abril foi revisado de queda de 3,0% para redução de 3,3%, na série com ajuste sazonal, informou a federação. Na série sem ajuste, O INA de abril foi revisado de retração de 3,5% para baixa de 3,8%.

Minas-Rio exportou 2,211 mi/t de minério

03/07/2015 - Fonte: Diário do Comércio

As exportações de minério de ferro do Sistema Minas-Rio da Anglo American, com jazidas em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, ambas no Médio Espinhaço, somaram 2,211 milhões de toneladas entre janeiro e maio. O empreendimento entrou em operação em outubro do ano passado e está em fase de *ramp up* (comissionamento).

As informações são do relatório mensal do Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos (Sinferbase). Somente em maio, os embarques do minério da companhia totalizaram 415 mil toneladas. O volume é 17,3% inferior ao registrado em abril, quando somou 502 mil toneladas.

As primeiras exportações do Minas-Rio foram realizadas em outubro. Até o final do primeiro trimestre, a companhia já havia realizado 13 embarques para clientes na China, Índia, Oriente Médio e Europa. As exportações são feitas através do Porto de Açu, em São João da Barra (RJ). A Anglo American é sócia da Prumo Logística no terminal portuário.

O empreendimento recebeu investimentos de R\$ 8,4 bilhões para a produção de 26,5 milhões de toneladas. Além das jazidas e do porto no litoral fluminense, o Sistema Minas-Rio engloba um mineroduto de 529 quilômetros de extensão, o maior do planeta. O duto atravessa 33 municípios entre o complexo minerário em Conceição do Mato Dentro e o terminal portuário.

O processo de *ramp up* terá duração de aproximadamente 20 meses, a partir do primeiro embarque realizado em outubro de 2014. O diretor de Operação do Minas-Rio, Rodrigo Vilela, já havia informado que o sistema deverá alcançar o ritmo de 80% de sua capacidade até o final deste ano.

Em 2015, a empresa pretende alcançar uma produção entre 11 milhões de toneladas e 14 milhões de toneladas de minério de ferro. Já em 2016, o volume produzido deverá ficar entre 24 milhões de toneladas e 26 milhões de toneladas.

Samarco - Também com operações em Minas Gerais, a Samarco Mineração, *joint venture* entre a Vale e a BHP Billiton, registrou incremento de 36,2% nas exportações entre janeiro e maio na comparação com o mesmo intervalo de 2014, conforme o relatório do Sinferbase. Os embarques somaram 10,994 milhões de toneladas nos primeiros cinco meses, ante 8,070 milhões de toneladas no ano passado.

A mineradora concluiu no ano passado plano de aporte de R\$ 6,4 bilhões. Com o Projeto Quarta Pelotização (P4P), a empresa aumentou a capacidade instalada em 37%, atingindo a produção de 30,5 milhões de toneladas/ano de pelotas.

Ainda conforme o relatório, as empresas associadas à entidade no País registraram exportações de 124,167 milhões de toneladas. O volume é 7,4% superior ao apurado nos primeiros cinco meses do exercício passado, quando somou 115,569 milhões de toneladas.

A Vale respondeu pela maior parte dos embarques, com 110,961 milhões de toneladas no acumulado do ano até maio. Isto representa incremento de 3,8% na comparação com o mesmo período de 2014, quando atingiu 106,892 milhões de toneladas.

Usiminas planeja retomar venda de ativos

03/07/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo

Mergulhada em uma crise que vai muito além do cenário adverso no setor industrial, sobretudo no mercado de aço, a siderúrgica Usiminas deverá retomar seu projeto de venda de ativos para enfrentar as dificuldades que virão pela frente. A proposta de venda de negócios considerados não estratégicos deverá ser feita na reunião do conselho de administração da companhia, prevista para 27 de agosto, apurou o 'Estado' com uma fonte familiarizada com o assunto.

A estratégia é levantar recursos para a siderúrgica aliviar o caixa da companhia, em um momento em que o setor e a empresa passam por uma situação delicada. Em maio, a companhia anunciou o desligamento de dois altos-fornos, um em Cubatão (SP) e outro em Ipatinga (MG), com a redução da demanda das montadoras.

Nesta semana, a Usiminas dá início à redução de jornada dos funcionários da área administrativa, que passam a trabalhar quatro dias por semana. Nesta quarta-feira, a agência de classificação de riscos Standard & Poor's rebaixou as notas de crédito da siderúrgica. O rating em escala global foi rebaixado para BB-, de BB; o rating em escala nacional foi rebaixado para brA, de brA+.

Não é a primeira vez que a companhia decide colocar ativos à venda. Em 2012, a empresa anunciou que iria se desfazer das unidades Mecânica (bens de capital) e Automotiva (cabines para caminhão). Em 2013, vendeu sua divisão automotiva por R\$ 210 milhões para a empresa Aethra.

Além da divisão de bens de capital, terrenos e a participação da Usiminas na ferrovia MRS são ativos que podem vendidos. "Ainda não está definido o que pode ser vendido, mas está claro que a companhia precisa de um plano de ação, uma vez que o cenário global para os preços da commodity não deve melhorar até o segundo semestre de 2016. Também estudamos trocar executivos da companhia, mas Rômelo de Souza continua na presidência ", disse um membro do conselho de administração.

Em meio a esse cenário macroeconômico turbulento, os dois principais sócios da siderúrgica - a japonesa Nippon Steel e o grupo ítalo-argentino Ternium, do grupo Techint, que fazem parte do bloco de controle da Usiminas, ainda travam uma briga na Justiça, que está longe de um desfecho.

A decisão de venda de ativos na companhia não é unânime. Outra fonte consultada pelo Estado disse que está difícil atrair um comprador na área de bens de capital. Para outros negócios, essa mesma fonte também considera que a companhia não conseguiria preços atraentes. Procurada, a Usiminas disse que a informação sobre venda de ativos "não procede". Nippon e Ternium não comentam o assunto.

A Nippon e a Ternium brigam desde setembro, quando três executivos, entre eles o presidente Julián Eguren, e os diretores Paolo Bassetti e Marcelo Chara, nomes de confiança da Ternium, foram destituídos. A Nippon alegou que eles estavam recebendo benefícios irregulares. A Ternium discorda e tentou reverter a destituição na Justiça, sem sucesso. Os três voltaram para a Ternium.

Para lembrar. A falta de consenso entre os principais acionistas levou a Usiminas a eleger, pela primeira vez, em abril, um presidente do conselho não indicado pelo bloco de controle. CSN e BTG também são acionistas, mas fora do bloco de controle.

O advogado Marcelo Gasparino, indicado pelo fundo L. Par, do investidor Lirio Parisotto, foi eleito como presidente do conselho do grupo no lugar de Paulo Penido, que está no conselho.

Parisotto, que também foi eleito para o conselho, teve sua eleição contestada pela Ternium na Justiça, impedindo sua posse. Um desfecho sobre a posse de Parisotto deve sair na próxima semana, dizem fontes.

S&P corta perspectiva da nota de crédito da CSN

03/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

A agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) revisou nesta quarta-feira a perspectiva da nota de crédito em escala global da siderúrgica CSN de estável para negativa, reafirmando o rating em "BB". Ao mesmo tempo, a agência rebaixou a nota de crédito da companhia em escala nacional de "brAA-" para "brA+".

Segundo a S&P, a revisão de perspectiva reflete as fracas condições de mercado para siderúrgicas brasileiras, à medida em que a demanda doméstica em queda pressiona as métricas financeiras da CSN.

Além disso, a desvalorização do real em relação ao dólar aumenta a já elevada dívida da companhia e as despesas com juros, limitando sua capacidade de reduzir a alavancagem com a própria geração de caixa.

Como resultado, um rebaixamento de rating nos próximos seis meses é possível, caso a economia brasileira permaneça fraca, a não ser que a empresa tome medidas extraordinárias para melhorar a entrada de caixa, como a venda de ativos, diz a S&P.

Minas-Rio exportou 2,211 mi/t de minério

03/07/2015 - Fonte: Diário do Comércio

As exportações de minério de ferro do Sistema Minas-Rio da Anglo American, com jazidas em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, ambas no Médio Espinhaço, somaram 2,211 milhões de toneladas entre janeiro e maio. O empreendimento entrou em operação em outubro do ano passado e está em fase de ramp up (comissionamento).

As informações são do relatório mensal do Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos (Sinferbase). Somente em maio, os embarques do minério da companhia totalizaram 415 mil toneladas. O volume é 17,3% inferior ao registrado em abril, quando somou 502 mil toneladas.

As primeiras exportações do Minas-Rio foram realizadas em outubro. Até o final do primeiro trimestre, a companhia já havia realizado 13 embarques para clientes na China, Índia, Oriente Médio e Europa. As exportações são feitas através do Porto de Açú, em São João da Barra (RJ). A Anglo American é sócia da Prumo Logística no terminal portuário.

O empreendimento recebeu investimentos de R\$ 8,4 bilhões para a produção de 26,5 milhões de toneladas. Além das jazidas e do porto no litoral fluminense, o Sistema Minas-Rio engloba um mineroduto de 529 quilômetros de extensão, o maior do planeta. O duto atravessa 33 municípios entre o complexo minerário em Conceição do Mato Dentro e o terminal portuário.

O processo de ramp up terá duração de aproximadamente 20 meses, a partir do primeiro embarque realizado em outubro de 2014. O diretor de Operação do Minas-Rio, Rodrigo Vilela, já havia informado que o sistema deverá alcançar o ritmo de 80% de sua capacidade até o final deste ano.

Em 2015, a empresa pretende alcançar uma produção entre 11 milhões de toneladas e 14 milhões de toneladas de minério de ferro. Já em 2016, o volume produzido deverá ficar entre 24 milhões de toneladas e 26 milhões de toneladas.

Samarco - Também com operações em Minas Gerais, a Samarco Mineração, joint venture entre a Vale e a BHP Billiton, registrou incremento de 36,2% nas exportações entre janeiro e maio na comparação com o mesmo intervalo de 2014, conforme o relatório do Sinferbase.

Os embarques somaram 10,994 milhões de toneladas nos primeiros cinco meses, ante 8,070 milhões de toneladas no ano passado.

A mineradora concluiu no ano passado plano de aporte de R\$ 6,4 bilhões. Com o Projeto Quarta Pelotização (P4P), a empresa aumentou a capacidade instalada em 37%, atingindo a produção de 30,5 milhões de toneladas/ano de pelotas.

Ainda conforme o relatório, as empresas associadas à entidade no País registraram exportações de 124,167 milhões de toneladas. O volume é 7,4% superior ao apurado nos primeiros cinco meses do exercício passado, quando somou 115,569 milhões de toneladas.

A Vale respondeu pela maior parte dos embarques, com 110,961 milhões de toneladas no acumulado do ano até maio. Isto representa incremento de 3,8% na comparação com o mesmo período de 2014, quando atingiu 106,892 milhões de toneladas.

Queda nos preços do minério de ferro prejudica economia da Austrália

03/07/2015 - Fonte: Minnig.com

A forte queda nos preços do minério de ferro desde o início do ano passado está afetando a economia da Austrália mais fortemente que o esperado, dificultando mais o cumprimento da promessa do governo conservador, no poder há dois anos, de equilibrar rapidamente o orçamento.

Há três meses, o governo do primeiro-ministro Tony Abbott previu que a receita geral com exportações de minério de ferro e outras matérias-primas nos 12 meses até 30 de junho teria queda de 8%, para 179 bilhões de dólares australianos (US\$ 137 bilhões). Nesta terça-feira, o governo estimou que a receita com essas exportações para China, Japão e outras nações recuaria na verdade 11% ante o período anterior, para 174 bilhões de dólares australianos.

O principal motivo para a queda estimada é o recuo de 27% na receita com as exportações de minério de ferro, matéria-prima para a fabricação do aço que é o principal item de exportação da Austrália, vendido principalmente à China.

"Os volumes de exportação de minério de ferro são fortes, mas os preços em queda certamente atingiram os resultados", disse Diana Mousina, economista do Commonwealth Bank of Australia. A queda nos preços levou o governo a rever suas projeções para o orçamento várias vezes.

Fabricantes com investimentos em curso adequam estratégias

03/07/2015 - Fonte: DCI

Os investimentos da indústria de autopeças vêm caindo mesmo com a política de incentivos à cadeia nacional proposta pelo regime automotivo. E com a forte retração das vendas de veículos, fornecedores com aportes em andamento refazem as suas estratégias. É o caso da fabricante de turbocompressores BorgWarner. A empresa investiu, há cerca de dois anos, R\$ 70 milhões na expansão dos seus negócios no País através de uma nova planta em Itatiba (SP). O componente fabricado pela marca auxilia na redução do consumo de combustível, uma das principais exigências do Inovar-Auto.

"Uma queda de volume drástica como a atual gera questionamentos e ações, como por exemplo, o adiamento dos investimentos ou a exploração do mercado externo", afirmou ao DCI o gerente da unidade thermal e emissions da BorgWarner, Adalberto Penachio.

Segundo o executivo, a tendência é que os números voltem aos patamares registrados nos anos anteriores somente no médio e no longo prazo. "A confiança precisa retornar para estimular o consumo. Mas sabemos que o ajuste fiscal arrefece, por ora, o mercado", pondera.

A capacidade instalada atual da BorgWarner, resultante do investimento recente em Itatiba, é de 500 mil turbos por ano. E apesar do desejo da companhia de ampliar o uso do componente para o negócio de veículos de passeio, o principal segmento demandante da empresa ainda é o de caminhões, que acumula queda da produção em mais de 40% no ano. "Os números estão em níveis jamais vistos", ressalta Penachio.

Arrefecimento

Não é de hoje que as empresas de autopeças têm desempenho fraco. Mesmo com a escalada das vendas das montadoras em anos anteriores, a maior parte da cadeia de

suprimentos não caminhou no mesmo compasso. Prova disso são as quedas de receita apuradas por estas empresas.

Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria De Componentes Para Veículos Automotores (Sindipeças), o faturamento do setor vem oscilando desde 2011, justamente no momento em que as vendas de automóveis e caminhões decolaram.

Não há um consenso no mercado sobre o porquê deste descompasso. Entretanto, os números revelam que não houve o aumento esperado de conteúdo local, o que levantou inclusive a discussão de um regime nos moldes do Inovar-Auto para o setor de componentes, programa intitulado de Inovar-Peças, mas que nunca saiu de fato do papel. Para este ano, a projeção do Sindipeças é de uma queda de aproximadamente 11% do faturamento do setor em relação a 2014, para R\$ 67,9 bilhões.

Os investimentos também não param de cair na indústria de peças. Neste ano, o montante investido deve recuar para quase um terço do registrado em 2010, segundo o Sindipeças.

Parte dessa queda é resultado do realinhamento de estratégia de algumas empresas do setor, como é o caso da norte-americana Cummins. A companhia havia anunciado, em 2012, a construção de uma fábrica de geradores em Itatiba, o que abriria espaço para um aumento da produção de motores a diesel na planta da marca em Guarulhos (SP).

Contudo, no ano passado, a empresa informou a decisão de cancelar o investimento na planta devido às condições do mercado brasileiro. O montante que seria aplicado na unidade era de US\$ 90 milhões.

Para a fabricante de pneus Dunlop, do grupo japonês Sumitomo Rubber Industries, o cenário difícil afeta a todos. Com foco no mercado brasileiro de reposição (after market), a empresa vem tentando se adequar ao quadro de arrefecimento que se instalou no Brasil.

"Felizmente, nossa companhia está em crescimento. Porém, isso não quer dizer que o atual cenário econômico esteja favorável. Enfrentamos problemas semelhantes aos nossos concorrentes", explica o diretor de vendas e marketing da Dunlop, Renato Baroli. Em 2013, a empresa inaugurou sua primeira fábrica no Brasil, na cidade de Fazenda Rio Grande, no Paraná. O empreendimento demandou investimentos de R\$ 750 milhões.

À época da inauguração, a empresa afirmou que, em um primeiro momento, o foco da Dunlop seria a reposição. Posteriormente, o plano era fortalecer o fornecimento de pneus para veículos de carga.

"Este foi o segmento que mais caiu, neste ano, em razão da retração econômica do País", pontua Baroli. Ainda assim, a Dunlop aumentou a produção e as vendas em 2014 e o mesmo ocorre em 2015, principalmente porque a companhia está em rampup, no Brasil, e não depende das montadoras.

"A queda das vendas de veículos novos faz com que os consumidores realizem a manutenção de seus automóveis. Sendo assim, embora o mercado original tenha caído, o canal de reposição cresceu", comenta Baroli.

Com isso, a Dunlop registrou crescimento no primeiro semestre. "As nossas expectativas iniciais foram atendidas. Ainda pretendemos dobrar o volume de produção até o final do ano", revela o diretor da marca.

Estratégias

Apesar do cenário, a BorgWarner garante que a matriz só aprova investimentos pensando no longo prazo. "Os números positivos virão, embora talvez não mais na velocidade desejada", avalia Penachio.

Ele pondera que, com a volta da confiança do consumidor e indicadores macroeconômicos em níveis adequados, o mercado voltará a crescer. "O País tem muito para desenvolver em infraestrutura e a frota nacional de veículos ainda é menor quando comparada a países como Argentina e México, por exemplo", analisa.

O executivo afirma ter certeza de que o setor irá se recuperar. "Todos esses fatores irão contribuir para fomentar a recuperação da indústria automotiva, bem como a de fornecedores do segmento", diz.

Para fugir da crise, a empresa aposta nas vendas do after market, no aumento das exportações, novas aplicações e no ganho de market share.

"Historicamente, a recuperação do volume de vendas acontece após um ciclo de ajustes macroeconômicos e esse processo começou no último trimestre de 2014", analisa Penachio. "Logo, talvez haja alguma recuperação até o final deste ano. Senão, teremos que aguardar até meados de 2016, já com a inflação em ritmo menor e juros igualmente mais baixos", complementa o executivo.

Para o diretor da Dunlop, apesar do potencial de crescimento no mercado de reposição, a empresa enxerga o cenário com cautela. "Temos preocupação com a continuidade da crise, uma vez que, se estendida para o segundo semestre, poderá acarretar no aumento do desemprego", pondera Baroli.

"Conseqüentemente, haverá um aumento da inadimplência e falta de crédito no mercado, o que certamente nos afeta", destaca o executivo.

Como parte da estratégia para fugir da crise, a empresa aposta no mercado de reposição, que deve ser o principal responsável pelos resultados positivos da companhia em 2015.

Além disso, Baroli acrescenta que o segmento de veículos de carga deve voltar a crescer tão logo a economia sinalize aquecimento. "Observamos uma demanda reprimida, com investimentos abaixo do ideal na modernização da frota nacional", considera o executivo.

Vendas de materiais construção no Brasil recuam 0,1% em junho, diz Abramam

03/07/2015 - Fonte: R7

As vendas de materiais de construção no Brasil tiveram recuo de 0,1 por cento de junho na comparação anual, na décima sexta queda consecutiva, informou nesta quarta-feira a Abramam, associação que representa o setor.

No acumulado do ano até junho o recuo é de 7 por cento. A previsão da Abramam é de queda de 2 por cento em 2015.

"Para os próximos meses, as projeções apontam para a continuidade dessa tendência de queda no indicador. Ainda assim, a projeção para o ano é de queda menos acentuada do que no ano passado, quando o recuo foi de 4,7 por cento", disse a Abramam.

Na indústria de materiais de base, as vendas de junho subiram 0,8 por cento ano a ano, mas recuaram 7,3 por cento no acumulado do ano.

Já considerando os materiais de acabamento, as vendas caíram 1,5 por cento em junho e 6,7 por cento no ano.

O nível de emprego no segmento teve queda de 4,8 por cento na comparação com igual mês de 2014. Em relação a maio, houve queda de 0,7 por cento, disse a Abrammat.

Indústria do Brasil recua em junho, 5º mês seguido de queda, mostra PMI

03/07/2015 - Fonte: R7

A indústria brasileira encerrou o segundo trimestre com contração em junho devido às dificuldades econômicas que afetam a entrada de novos negócios, ainda que o ritmo de retração da atividade tenha enfraquecido, apontou o Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês) divulgado nesta quarta-feira.

O Markit informou que seu PMI para o setor industrial do Brasil subiu a 46,5 em junho, contra 45,9 em maio, no quinto mês abaixo da marca de 50 que separa crescimento de contração e com destaque para investimentos. Mas apesar de a leitura ter sido a mais alta desde fevereiro (49,6), não há expectativas de recuperação.

"Parece que o fim da contração ainda não está em vista. Mesmo o real mais fraco falhou em estimular a demanda externa. Não há como negar que este ano será desafiador para o setor industrial brasileiro e a economia mais ampla", apontou em nota a economista do Markit Pollyanna De Lima.

Em junho, as empresas relataram que a persistente queda na entrada de novos negócios foi o principal motivo do recuo no volume de produção, mesmo tendo sido pela taxa mais lenta em quatro meses. "O mercado interno continuou a ser a principal fonte de enfraquecimento", apontou a nota.

Segundo o Markit, os volumes de pedidos caíram em todos os três subsetores, com mais força o de bens de capital (uma medida de investimento), diante de condições econômicas difíceis e taxas fortes de inflação.

A quantidade de novos pedidos para exportação também diminuiu em junho, com os entrevistados apontando incapacidade de precificar competitivamente, com as cargas de custos aumentando ainda mais.

Diante dessa situação, as empresas cortaram vagas de trabalho pelo quarto mês seguido, porém pela taxa mais fraca nesta sequência de perdas. O movimento refletiu a menor necessidade de produção, mas também tentativas de controle de custos.

Em relação à inflação, os preços dos produtos subiram pela taxa mais fraca desde outubro do ano passado, devido, segundo o Markit, a uma forte concorrência, demanda fraca e aumentos de custos mais leves. A inflação dos insumos chegou ao menor nível do ano, apesar dos preços mais caros de metais, produtos químicos, alimentos e energia.

"As taxas de inflação desaceleraram no último mês, em parte devido aos recentes aumentos na taxa de juros básica... Parece que os esforços do Banco Central para combater a inflação estão finalmente chegando ao mercado, embora pareça que a política contracionista está afetando ainda mais o modelo de crescimento liderado pelo consumo", completou Pollyana.

A indústria brasileira vem sendo um dos principais pesos sobre a cambaleante economia do país, com expectativa de que o setor registre neste ano contração de 4,0 por cento,

segundo a última pesquisa Focus com analistas. Para o Produto Interno Bruto (PIB), a expectativa era de queda de 1,49 por cento.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulga na quinta-feira os números de maio da produção industrial, após queda de 1,2 por cento em abril sobre o mês anterior.

Pesquisa Reuters mostrou que, pela mediana das expectativas, a produção deve ter encolhido 0,6 por cento em maio, sobre abril, e 10,2 por cento sobre um ano antes.

Produção industrial reage, mas não recupera

03/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A indústria brasileira ensaiou uma leve recuperação em maio. Ampliou sua produção em 0,6%, na comparação com abril, quebrando uma sequência de três meses em contração. O discreto número positivo, no entanto, é insuficiente para reverter o cenário desfavorável que se estende há mais de um ano.

Para analistas e o próprio IBGE, que divulgou os dados nesta quinta-feira, 2, o avanço é muito pouco para fazer frente à queda acumulada de 3,2% registrada entre fevereiro e abril.

Quando se considera outros tipos de comparação, o mau momento da indústria fica evidente. Em relação a maio do ano passado, o setor encolheu 8,8%. Foi a 15ª taxa negativa nesse tipo de cálculo. Já no acumulado do ano, a queda é de 6,9% e, em 12 meses, a contração chega a 5,3% – pior taxa nessa base de comparação desde dezembro de 2009, quando chegou a 7,1%.

“A gente interpreta esse crescimento só como um soluço, diante de um quadro muito adverso. Se a gente olhar para a confiança industrial, por exemplo, continua em queda”, destacou Rafael Bacciotti, economista da consultoria Tendências.

Os economistas também apostavam em um resultado frente a maio de 2014 ainda pior, de retração de 10,1%. A surpresa ficou por conta do desempenho dos bens semi e não duráveis – grupo que engloba segmentos como alimentação e vestuário. A produção da categoria avançou 1,2% frente a abril, após sete quedas seguidas – período no qual a queda acumulada no segmento foi de 8,5%.

Estoques

Uma explicação para o resultado maior que o previsto é a renovação de estoques. Ou seja, depois de reduzir a produção por vários meses, as fábricas produziram mais. “Possivelmente, uma parte desse segmento tinha produção anterior que dava conta do atendimento”, afirma André Macedo, gerente da coordenação de indústria do IBGE.

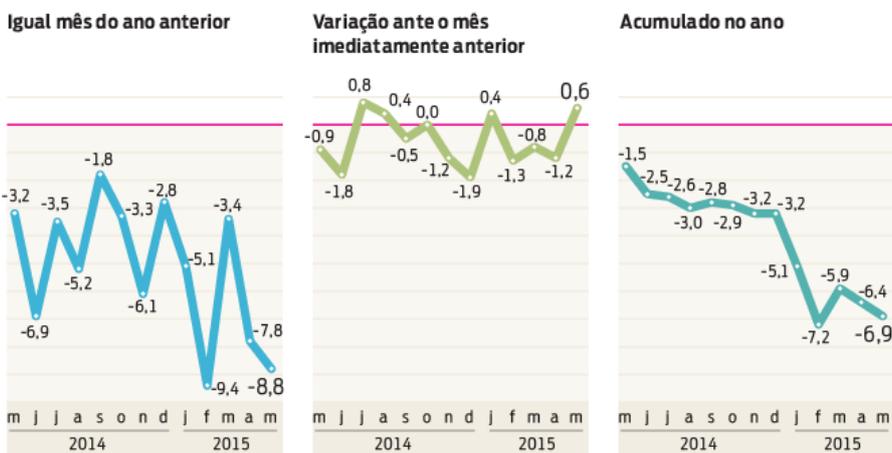
Outro elemento que não estava nas contas dos economistas foi o avanço da atividade de outros equipamentos de transporte, que subiu 8,9% frente a abril, puxada principalmente pela fabricação de motocicletas e aviões.

O quadro para os próximos meses é negativo. Segundo o IBGE, só no acumulado entre abril e maio, a queda é de 8,3%, em relação ao mesmo período do ano passado. Já é pior que o registrado nos três primeiros meses do ano, quando o setor se retraiu 5,9%. Para Rafael Bacciotti, da Tendências, o segundo trimestre será de queda de 7,5%.

Já Aloísio Campelo espera retração de 7,7%. Para o fim de 2015, eles esperam, respectivamente, queda de 5% e 5,5%.

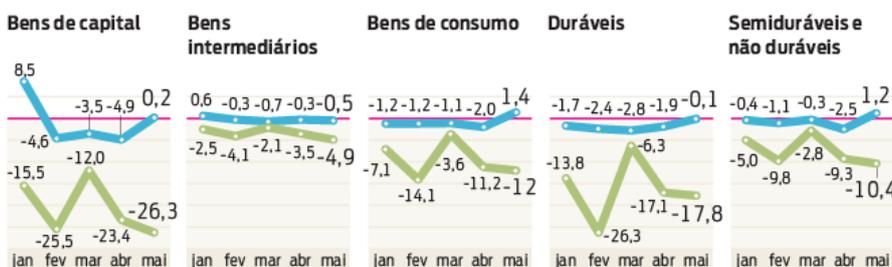
REAÇÃO TÍMIDA

A produção industrial brasileira surpreendeu em maio ao subir 0,6%, interrompendo três meses de queda no melhor resultado em quase um ano. Entretanto, o desempenho ainda foi insuficiente para recuperar as perdas acumuladas de 6,9% nos cinco primeiros meses de 2015:



POR GRANDES CATEGORIAS ECONÔMICAS EM 2015

— Variação ante o mês imediatamente anterior (%) — Igual mês do ano anterior (%)



Fonte: Redação. Infografia: Gazeta do Povo.

FCA anuncia investimento de US\$ 280 milhões na Índia

03/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A FCA – Fiat Chrysler Automobiles – anuncia investimento de US\$ 280 milhões na fábrica que mantém com a joint venture com a Tata Motors na Índia, para a produção de um modelo Jeep a partir do segundo trimestre de 2017.

O anúncio foi feito durante o encontro de Mike Manley, presidente e CEO global da marca Jeep e COO para Ásia Pacífico e uma delegação, liderada pelo ministro-chefe do estado de Maharashtra, Devendra Fadnavis, além de outros representantes da empresa, na sede da FCA América do Norte, em Auburn Hills, nos Estados Unidos.

“Demos um importante passo ao continuarmos a expandir a disponibilidade de produtos Jeep em todo o mundo. Anteriormente, indicamos que 2015 seria um ano de transformações na globalização da marca e este anúncio reforça aquele compromisso. Estabelecer a produção de Jeep na Índia nos dará a oportunidade de oferecer a mais pessoas a chance de experimentar a liberdade e aventura atrás da direção de um Jeep”, disse em nota Sérgio Marchionne, CEO da FCA.

“A associação da Fiat com Maharashtra data de muitas décadas”, disse o ministro-chefe Fadnavis. “Saúdamos a decisão da Fiat Chrysler de investir no estado de Maharashtra e

reafirmamos o interesse do governo de expandir o relacionamento com a empresa, apoiando completamente esta nova iniciativa.”

No ano passado, as vendas da Jeep superaram 1 milhão de unidades no mundo, alcançando um novo recorde pelo terceiro ano consecutivo. A planta da Índia, localizada na região de Mumbai, será a quarta fora dos Estados Unidos para produção em escala de veículos Jeep.

Modelos da marca também são fabricados na Itália e no Brasil, com a produção do Renegade na nova unidade da FCA em Pernambuco (leia [aqui](#)), além da China, que começa a produzir modelos Jeep no último trimestre deste ano.

Aneel realiza leilão na tentativa de viabilizar novas térmicas a gás

03/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) promove nesta sexta-feira (3) o primeiro Leilão de Energia de Reserva de 2015, no qual pretende contratar energia a ser gerada por térmicas abastecidas com gás natural. O valor máximo estabelecido pela agência reguladora foi de R\$ 581 o MWh. Os contratos serão na modalidade disponibilidade e o suprimento, por 20 anos, deve ter início em 1º de janeiro de 2016.

Apesar do preço elevado, não é esperado um grande número de empresas participantes no leilão. Tudo porque o prazo para início de fornecimento é curto. “Este leilão é extremamente desafiador. São tantos desafios que o preço acaba não sendo alto”, analisa a diretora da consultoria Thymos, Thais Prandini.

Ainda assim, a especialista acredita que ao menos uma empresa deve oferecer energia, do contrário o governo federal teria cancelado o certame.

Como os empreendimentos participantes devem ter capacidade instalada mínima de 130 MW, é possível que os projetos sejam formados por um conjunto de unidades geradoras. No caso, de motores.

A particularidade tem explicação: quando o governo propôs a realização de um leilão de energia de reserva com térmicas a gás e restrito ao submercado Sudeste/Centro-Oeste, havia grande preocupação sobre o abastecimento de energia no horário de pico de consumo na região Sudeste.

Dessa forma, além de garantir maior oferta de energia nos principais centros de consumo durante o início da tarde, o governo também evitaria possíveis limitações no sistema de transmissão que interliga os submercados Sul, Nordeste e Norte à região Sudeste/Centro-Oeste.

A situação preocupante do início do ano foi abrandada, e com isso a importância do leilão de amanhã diminuiu. “O leilão foi planejado às pressas, em um momento de urgência. Apesar disso, a ideia de realizar um leilão regional, ou apenas de térmicas, é muito boa”, comenta Thais.

Licitações

Este será o 9º Leilão para Contratação de Energia de Reserva promovido pela Aneel e é denominado 3º Leilão de Energia de Reserva de 2015. Apesar do nome, esta será a primeira vez que a agência reguladora testará o apetite do mercado para leilões de energia reserva neste ano.

A última licitação do gênero ocorreu em outubro passado e movimentou R\$ 7,1 bilhões, a partir da venda de energia a ser gerada em 31 novas usinas eólicas e 31

empreendimentos de energia solar. Os leilões de números 1 e 2 de 2015 estão previstos para os dias 28 de agosto e 13 de novembro, respectivamente.

Na oportunidade, a Aneel almejava a contratação de energia solar, eólica ou gerada em unidades abastecidas com biomassa composta por resíduos sólidos ou biogás de aterro sanitário, mas obteve êxito apenas nas duas primeiras fontes.

Preço

O preço da energia negociada nove meses atrás, contudo, era bastante diferente do atual. O leilão foi encerrado com o preço médio de venda em R\$ 169,82/MWh, com deságio de 9,9% em relação aos valores estabelecidos pela Aneel.

O preço da energia eólica, estimado inicialmente em R\$ 144/MWh, caiu para R\$ 142,34/MWh no leilão. No caso da energia solar, o valor máximo de R\$ 262/MWh caiu para R\$ 215,12/MWh. A diferença de valores confirma o caráter de emergência deste novo leilão, quando de seu anúncio, em abril passado.

O certame será realizado na sede da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica e poderá ser acompanhado pela página eletrônica da CCEE.

Fenacon aponta aumento de até 25% no ISS no projeto do Supersimples

03/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Entidade nacional de empresas contábeis calcula elevação de tributo municipal para o setor de prestação de serviços na proposta de revisão da Lei Geral das Micro e Pequenas.

A proposta do novo Supersimples aprovada anteontem, em comissão especial da Câmara dos Deputados, contém aumento de até 25% no tributo municipal do ISS para o setor de serviços, onerando as atividades que mais geram empregos no País.

É o que apontam cálculos apresentados ao relator da comissão, deputado João Arruda (PMDB-PR) por Valdir Pietrobon, diretor Político Parlamentar da Fenacon, sigla da Federação Nacional das Empresas de Serviços Contábeis e das Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas.

"No Supersimples atual, a alíquota máxima do ISS [Imposto Sobre Serviços], que é de 5% sobre o faturamento, só atinge quem fatura por ano R\$ 1,8 milhão. Com a nova tabela, essa alíquota passa a incidir a partir da receita anual de R\$ 900 mil", afirmou ao DCI.

Pietrobon também apontou aumento de 25% na faixa de R\$ 225 mil a R\$ 400 mil, porque as alíquotas subiram de 3,5% para 4,5%. "Nessa faixa se encontra a maioria das empresas do setor de serviços", disse.

O relator não foi encontrado ontem para comentar os cálculos da Fenacon. Segundo a entidade, o deputado poderá rever o texto do projeto por ter condicionado à redação final da proposta à complementação de voto.

A proposta da Fenacon mantém a partir de R\$ 1,8 milhão a alíquota máxima, que é de 5%, e cria uma escala progressiva a partir dos seguintes escalas de faturamento: R\$ 225.000 (2%), 450.000 (2,5%), R\$ 900.000 (3%), R\$ 1,8 milhão (3,5%), R\$ 3,6 milhão em diante (5%).

Segregação empresarial

De acordo com a Fenacon, o relatório de Arruda também reduz o número de tabelas a que estão submetidas as empresas enquadradas no Supersimples. Atualmente, há seis tabelas no Simples: uma para comércio, uma para indústria e quatro tabelas de serviços. O deputado propôs apenas quatro tabelas, reduzindo o setor de serviços a duas tabelas.

"Com isso, elimina-se circunstância que, na prática, inibe o crescimento dos participantes do [Simples Nacional](#) ou, pior, enseja 'crescimento lateral', isto é, um mesmo micro ou pequena empresa, em vez de crescer, segrega-se em outras de modo a não avançar nas atuais faixas cumulativas do Simples Nacional", afirma. Na correspondência encaminhada ao relator, a Fenacon manifesta apoio à proposição, mas também defende mudanças nos seguintes pontos:

MEI

A sugestão é manter o teto de faturamento anual do Microempreendedor Individual ([MEI](#)) em R\$ 60 mil ou no máximo em R\$ 90 mil.

Adverte que, caso seja aprovada a proposta de R\$ 120 mil, o novo teto do [MEI](#) atrairá 40% das micro e pequenas empresas hoje existentes e a grande maioria dos profissionais liberais.

"Assim todos os profissionais liberais migrarão para o [MEI](#), ocasionando a falta de controle de empregados, recolhimento de impostos ([Imposto de Renda](#) da Pessoa Física que, atualmente, obriga o recolhimento acima de R\$ 1.903,98) e controle/fiscalização."

A Fenacon defende que teto de receita anual para adesão ao Supersimples fique em R\$ 7,2 milhões para todas as micro e pequenas empresas. Na proposta, os tetos variam - R\$ 7,2 milhões (comércio e serviços) e R\$ 14,4 milhões (para a indústria).

Lucro presumido

Em virtude do aumento do limite das Micro e Pequenas Empresas, a entidade solicita ainda que seja revisto em 100% o valor limite para a opção pelo Sistema Tributário do [Lucro Presumido](#), que hoje está no valor de R\$ 72 milhões.

Pede ainda que seja reaberto o Refis em igualdade de condições, hoje existente nos outros regimes tributários, ou seja, real e presumido.

A Fenacon defende a contribuição sindical para as pequenas empresas com faturamento acima de R\$ 225 mil desde que sejam optantes do Supersimples.

Alvarás de funcionamento em 48 horas

A administração pública será obrigada a liberar em até 48 horas alvarás ou licenças de funcionamento de empresas, empreendimentos habitacionais e entidades sem fins lucrativos.

Um futuro assim menos burocrático no Brasil está previsto no Projeto de Lei 2.114/15, protocolado na segunda-feira (29), pelo líder do PSD na Câmara, Rogério Rosso (DF).

Rosso destaca que a exigência será válida apenas para empreendimentos que desenvolvem atividades comerciais e industriais de baixo risco. A proposição cria o programa Licença Brasil e estabelece normas gerais para a obtenção desses documentos junto aos órgãos da administração pública em todo o País.

"É a inversão do ônus da prova", justifica. "O que sugiro é o seguinte: imediatamente é dado um alvará e, em determinado prazo, o Poder Público vai avaliar toda a documentação".

Rosso assegura que o novo programa estimula o aquecimento da economia e o desenvolvimento.

Segundo o líder do PSD, a medida também vai ajudar a coibir a corrupção baseada na prática de se "criar dificuldades para cobrar facilidades". "Existem milhares, talvez milhões, de licenças não expedidas. Empresários aguardam até três ou quatro anos para que uma simples licença de operação seja expedida pelo Poder Público", diz.

Capacidade instalada da indústria caiu para 80,1% em maio, aponta CNI

03/07/2015 - Fonte: CIMM

A utilização da capacidade instalada na indústria recuou para 80,1% em maio com queda de 0,4 ponto percentual em comparação a abril, informou a Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A queda foi mais intensa se comparada com maio do ano passado (81,1%). Os dados já dessazonalizados (sem levar em conta atividades típicas de cada mês, como feriados) mostram que, com exceção do faturamento, todos os indicadores industriais caíram.

Em maio, o faturamento real – indicador dessazonalizado – registrou alta de 1,6% ante abril. O resultado, no entanto, indica que a queda sofrida em abril foi revertida apenas em parte e está 10,1% inferior se comparada a maio de 2014.

As horas trabalhadas na produção caíram 0,5% no mês passado, também sem influências sazonais. Se comparada com maio de 2014, o indicador registra queda de 10,2%.

O emprego recuou 0,9% na comparação entre abril e maio e 5,6% ante o mesmo mês do ano passado. Houve também recuo na massa salarial de 1,2% e 5,9%, respectivamente, na mesma comparação.

O rendimento médio real do trabalhador da indústria caiu 0,3% em maio na comparação com abril e 0,4% ante maio de 2014.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a produção industrial brasileira cresceu 0,6% em maio na comparação com abril. O resultado interrompe um período de queda de três meses consecutivos em relação os meses imediatamente anteriores, mas ficou 8,8% abaixo do registrado no ano passado.

O IBGE informou, ainda, que a produção industrial brasileira acumula queda de 6,9% em 2015 e de 5,3% quando analisado o período de doze meses encerrado em maio. A CNI e o IBGE utilizam metodologias diferentes para esse tipo de cálculo.

Gerdau diz que crise atual não poupa nem 'pipoqueiro'

03/07/2015 - Fonte: CIMM

Conselheiro da presidente Dilma Rousseff no primeiro mandato, o empresário Jorge Gerdau, presidente de uma das maiores siderúrgicas do País, considera que a crise econômica atual "está dura" e não tem poupado nem "pipoqueiro".

Gerda se reuniu com o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), nessa quarta-feira no gabinete do peemedebista, ocasião em que também estiveram representantes da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), da Fiat/Chrysler e parlamentares.

Segundo alguns dos presentes no encontro, o clima foi de "velório" diante do cenário "pouco animador" traçado pelos presentes para os próximos meses. Na reunião, Gerda, de acordo com relatos, informou que, em razão da crise que atingiu o setor, já havia demitido 11 mil funcionários e que a previsão era de mais 4 mil a 5 mil nos próximos meses.

Na saída do encontro, o empresário falou ao Estado sobre impacto da crise. "Não tem quem não esteja afetado. O taxista está, o pipoqueiro está, as cadeias industriais estão sofrendo. Está duro", ressaltou o empresário, que, no primeiro mandato de Dilma, assumiu a Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade, que tinha o objetivo de aperfeiçoar a condução da máquina pública. "Para mim, o problema está na exportação. Tem que melhorar", defendeu Gerda, que não tem tido contatos frequentes com a presidente.

Uma das alternativas discutidas na reunião realizada no gabinete da presidência do Senado é a mudança no Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra).

As alterações no programa, que "devolve" aos empresários uma parte do valor exportado, seriam realizadas por meio de emendas inseridas na Medida Provisória 675, atualmente em discussão na Comissão Mista do Congresso.

A MP foi encaminhada pelo Executivo no último dia 22 de maio ao Congresso e faz parte do ajuste fiscal proposto pelo governo. O texto original trata de outro tema e prevê o aumento de 15% para 20% a alíquota da Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL), devida por instituições financeiras, como bancos, seguradoras e administradoras de cartão de crédito.

Entre as emendas sobre o Reintegra consideradas na reunião no gabinete de Renan estão duas de autoria do senador Ricardo Ferraço (PMDB-ES). Entre elas, a que retoma o percentual de 3% sobre a receita auferida com a exportação realizada pelas empresas.

No último mês de fevereiro, o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, anunciou a redução de 3% para 1% da alíquota do Reintegra.

Segundo cálculos da Fazenda, a renúncia fiscal com o benefício para os exportadores com a alíquota anterior, de 3%, seria de R\$ 6 bilhões. Com a mudança, o montante cai para R\$ 3,5 bilhões por ano.

Como a alteração ocorreu com o ano em curso, a economia estimada para 2015 é de R\$ 1,8 bilhão.

"A redução dos percentuais de maneira súbita e imediata desconsidera a realidade das empresas exportadoras que já haviam precificado suas exportações para embarque no futuro próximo, considerando a vigência do percentual maior até então em vigor", afirma Ferraço em trecho da emenda.

O texto proposto por ele mantém, entretanto, a prerrogativa do Poder Executivo em graduar o percentual entre 0,1% a 3%.

Metalúrgicos da Mitsubishi encerram greve em Catalão

03/07/2015 - Fonte: CIMM

Paralisação chegou ao fim após trabalhadores aceitarem proposta da montadora, que garantiu fim das demissões

Um dia após deflagrarem greve contra demissões, metalúrgicos da Mitsubishi em Catalão (GO) voltaram ao trabalho nesta quinta-feira, 2. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos da cidade, a paralisação chegou ao fim após trabalhadores aprovarem, por unanimidade, durante assembleia geral nesta manhã, proposta da montadora que garantiu, entre outras coisas, o encerramento dos cortes na fábrica e a reintegração de dez trabalhadores que haviam sido desligados nesta semana.

A greve tinha sido deflagrada na quarta-feira pelos metalúrgicos em reação à proposta anunciada pela empresa, na última sexta-feira, de que pretendia demitir 403 trabalhadores, o equivalente a cerca de 15% do efetivo total da fábrica. Durante todo a quarta-feira, o sindicato diz que não houve produção de veículos na unidade.

Em reunião na tarde de quarta, mediada pela Justiça e Ministério Público do Trabalho, contudo, trabalhadores e montadora chegaram a uma "proposta consenso", que foi aprovada na assembleia de hoje.

Pela proposta, além do fim dos cortes e reintegração de trabalhadores, a empresa se comprometeu a pagar R\$ 3 mil em abono e mais dois meses de cartão alimentação para os funcionários já desligados. O sindicato informou que, ao todo, 160 trabalhadores foram demitidos pela empresa - e não 180 como havia divulgado.

A Mitsubishi, por sua vez, confirmou o desligamento de cerca de 200 funcionários. Além desses, outros 29 empregados aderiram a programa de demissão voluntária (PDV) aberto pela companhia na semana passada.

No acordo, também ficou acertado que os metalúrgicos não demitidos terão 90 dias de estabilidade no emprego. Em parte desse período, contudo, toda a produção estará paralisada, em razão das férias coletivas que, de acordo com o sindicato, foram mantidas para entre 6 e 15 de julho.

Segundo o sindicato, na proposta aprovada, a empresa se comprometeu ainda em adiantar para novembro o pagamento da primeira parcela da Participação dos Lucros e Resultados (PLR). A segunda parcela será paga em março de 2016.

Em Catalão, a Mitsubishi produz os modelos Lancer, ASX, L 200 Triton e Pajero, além de fazer o processo final de nacionalização do Outlander. Na fábrica, também é fabricado o Jimmy e finalizado o Vitara, da Suzuki - modelos que voltaram a ser totalmente produzidos em Catalão após o fechamento, em maio, da fábrica da Suzuki em Itumbiara (GO). Conforme o sindicato, atualmente são produzidos entre 100 e 120 carros, em média, por dia em Catalão.

Termomecanica investe R\$ 1,2 milhão em área de produção

03/07/2015 - Fonte: CIMM

Apesar do momento atual de redução do patamar industrial no Brasil, a Termomecanica mantém sua diretriz de investimentos na área de produção. A empresa, que possui duas fábricas em São Bernardo do Campo (SP), referência no setor de transformação de metais não ferrosos (cobre e suas ligas) acaba de adquirir novos equipamentos para a fabricação

de tubos e barramentos customizados de acordo com a especificação dos clientes. A iniciativa demandou recursos da ordem de R\$ 1,2 milhão.

“A Termomecânica passará a ofertar cada vez mais produtos com características exclusivas para as necessidades dos clientes. Ao absorvermos etapas de fabricação dos clientes, estamos apoiando-os na redução de seus processos para que diminuam o tempo de entrega dos produtos e simplifiquem a logística”, explica Luiz Henrique Caveagna, diretor de operações industriais da Termomecânica.

De acordo com o executivo, o portfólio de produtos de maior valor agregado vai aumentar as oportunidades nos mercados atendidos pela Termomecânica no Brasil e no exterior. Os tubos customizados inicialmente beneficiarão os clientes fabricantes de equipamentos agrícolas e empresas de segmentos da construção civil.

Já os barramentos sob medida, atenderão companhias de geração, transmissão e distribuição de energia, que empregam estes componentes principalmente em painéis e transformadores.

Para alguns clientes a Termomecânica já vem fornecendo tubos de latão dentro de padrões e medidas específicas, simplificando e otimizando o processo de produção. Com isso, pôde perceber benefícios entregues ao cliente, como o aumento do rendimento e maior agilidade em todo o ciclo produtivo, além de ganhos no processo logístico, uma vez que o material entregue ocupa menos espaço, aumentando assim a área disponível para estocagem.

Pedidos de falência crescem no primeiro semestre deste ano

03/07/2015 - Fonte: CIMM

As micro e pequenas empresas representam cerca de 85% dos pedidos de falência e 87% dos pedidos de recuperação judicial.

Os pedidos de falência tiveram alta de 9,2% nos primeiros seis meses deste ano em comparação ao mesmo período do ano passado.

Os dados são da Boa Vista Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC). No mesmo período, também foi registrada alta nos pedidos de recuperação judicial, com aumento de 17,2%.

As micro e pequenas empresas representam cerca de 85% dos pedidos de falência e 87% dos pedidos de recuperação judicial. Entre os setores, o que apresentou mais casos de pedidos de falência (40%) foi o de serviços, seguido pelo industrial (34%) e pelo comércio (26%).

Para a Boa Vista SCPC, isso é resultado da fraca atividade econômica, “que reduz a capacidade de geração de caixa das empresas”, e do aumento nas taxas de [juros](#) e na restrição ao crédito, “que encarecem o capital de giro, piorando os indicadores de solvência das empresas”.

A expectativa da Boa Vista SCPC é que os indicadores de falência encerrem o ano em patamares superiores aos de 2014.

Em junho, o número de pedidos de falência cresceu 31,9% em relação ao mesmo mês de 2014.

Acaba de ser lançado o "Manual de Procedimentos para o Terceiro Setor"

03/07/2015 - Fonte: Contábeis.com

Material contribuirá para a transparência nas prestações de contas e nos registros contábeis das entidades de todo o País

Acaba de ser produzido um material que irá se tornar o livro de cabeceira dos profissionais que atuam com o Terceiro Setor, o [Manual de Procedimentos para o Terceiro Setor – Aspectos de Gestão e de Contabilidade para Entidades de Interesse Social](#).

A produção do material é uma iniciativa do Conselho Federal de Contabilidade, da Fundação Brasileira de Contabilidade (FBC) e da Associação de Procuradores e Promotores de Justiça de Fundações e Entidades de Interesse Social (Profis) e visa ajudar as entidades a dar mais transparência às suas prestações de contas e registros contábeis. O manual conta ainda com o apoio da Academia Brasileira de Ciências Contábeis (Abracicon).

Lançamento oficial

O manual já está disponível para download, mas será lançamento oficialmente em dois momentos. O primeiro será na sede do Conselho Regional de Contabilidade de São Paulo, no dia 21 de julho; e o outro acontecerá durante o evento Quintas do Saber, patrocinado pela Abracicon, no dia 20 de agosto, na sede do CFC, em Brasília.

Os eventos serão realizados pelas seguintes entidades: CFC, CRCSP, FBC, Abracicon, *Programa* de Formação Interdisciplinar Superior (Profis) e Escola Aberta do Terceiro Setor.

O conteúdo do livro

Dividido em 11 capítulos, o manual traz temas importante como o detalhamento do Regime Tributário e as formas de reconhecimento, os conceitos básicos do sistema de controle interno e os trabalhos de auditoria das demonstrações contábeis.

No capítulo Plano de Contas, é apresentada a estrutura de alocação ou de endereços de contas a serem utilizadas por entidade econômica, para onde são direcionados os fluxos dos registros contábeis.

O tema Auditoria é discutido no Capítulo 7. O leitor irá compreender melhor a necessidade da contratação da auditoria independente, a visão geral do processo de auditoria independente sobre as demonstrações contábeis e os relatórios emitidos pelos auditores independentes.

De leitura fácil e didática, este Manual é ferramenta obrigatória para profissionais que trabalham em entidades do Terceiro Setor.

O grupo de estudo

Instituído pelo CFC, o grupo de estudo é composto pelo conselheiro do CRCSP Marcelo Roberto Monello e pelos profissionais da Contabilidade, professores, autoridades e representantes de entidades contábeis e de órgãos governamentais: José Antonio de França, Álvaro Pereira de Andrade, Severino Vicente da Silva, Lúcia Regina Faleiro Carvalho, Paulo Dias Martins, Leonardo de Freitas Mol, Aldeir de Lima Campelo, José Eduardo Sabo Paes e Airton Grazioli. A colaboração é da Câmara Técnica do CFC.

China retira embargo a mega navios de minério da Vale

03/07/2015 - Fonte: DCI

A China disse nesta sexta-feira que irá permitir que navios gigantes, com capacidade para 400 mil toneladas, atracuem nos portos do país, oficialmente encerrando mais de três anos de embargo que havia afetado principalmente o transporte de minério da brasileira Vale.

Quatro portos, Qingdao, Dalian, Tangshan Caofeidian e Ningbo, serão autorizados a receber os cargueiros depois que eles atendam alguns requisitos técnicos, disse o órgão chinês de planejamento, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma, segundo um comunicado conjunto com o Ministério dos Transportes.

Os navios gigantes da Vale, conhecidos como Valemax, que foram projetados para cortar custos de frete marítimo entre Brasil e China, foram barrados pelo governo de Pequim no início de 2012 sob a alegação de preocupações com segurança.

Uma porta-voz da Vale não quis comentar a mudança das regras.

Sinais de relaxamento das restrições começaram a aparecer em setembro, depois que a Vale assinou um acordo para vender e depois locar navios com a China Ocean Shipping (Cosco), maior conglomerado de transporte marítimo do país.

Em fevereiro a China divulgou regras reconhecendo navios com 400 mil toneladas de capacidade.

Um Valemax que já foi de propriedade da Vale ancorou esta semana no porto de Dongjiakou, em Qingdao, segundo dados da Reuters de rastreamento de navios. O navio Yuan Zhuo Hai, que agora pertence a uma joint venture na qual a Cosco participa, foi comprado em maio.

A capacidade dos Valemax de levar carregamentos direto para a China cortam os custos em 4 a 6 dólares por tonelada, o que é crucial para a mineradora no atual momento de margens apertadas devido à baixa nos preços do minério.

Mercedes propõe aos funcionários corte de 20% na jornada e de 10% nos salários

03/07/2015 - Fonte: DCI

A Mercedes-Benz propôs aos cerca de 10 mil metalúrgicos e pessoal administrativo da fábrica de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, a redução da jornada de trabalho em 20% e dos salários em 10%. A medida, se aceita, vai vigorar por um ano. A contrapartida da empresa é a garantia dos empregos nesse período. A montadora informou ter cerca de 2 mil trabalhadores excedentes.

Funcionários dos três turnos da fábrica votaram na quinta-feira, 2, de forma secreta (em urnas), se aceitam a proposta. A votação ocorreria até o final da noite e o resultado será divulgado nesta sexta-feira, 3. Se aceita, será a primeira vez que a fabricante de caminhões e ônibus adotará essa medida.

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, a proposta inclui ainda a aplicação de apenas metade do reajuste salarial pela inflação (INPC) no próximo ano. Em acordo anterior, os trabalhadores já haviam aceitado abrir mão do aumento real, acima da inflação.

Outra medida prevê a abertura de um programa de demissão voluntária (PDV) para aposentados e trabalhadores com estabilidade. Nas vagas dos que aderirem ao PDV, a Mercedes vai recontratar parte dos 300 trabalhadores demitidos em maio.

"Foi uma negociação muito dura. Consideramos que essa é a proposta de acordo possível para esse cenário de crise", afirmou, em nota, o diretor do sindicato, Moisés Selerges. "O mercado de caminhões registra queda de quase 50% e, na nossa avaliação, só deve melhorar a partir do segundo semestre de 2016."

A empresa não comentou o assunto. Desde o ano passado a Mercedes adota medidas como lay-off (suspensão de contratos de trabalho por cinco meses), férias coletivas, folgas e semana reduzida de trabalho para enfrentar a queda nas vendas.

No primeiro semestre, as vendas totais de caminhões caíram 42% em relação a igual período de 2014, para 37,4 mil unidades, segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). O segmento de ônibus caiu 25%, para 11,7 mil unidades. As vendas da Mercedes caíram em proporções semelhantes.

Ford

A Ford informou ontem que vai parar toda a produção da fábrica de carros e caminhões em São Bernardo entre os dias 13 e 17, aproveitando a emenda do feriado de 9 de julho. Cerca de 2,4 mil trabalhadores ficarão em casa. Em Taubaté (SP), cerca de 1,4 mil funcionários terão férias coletivas de 13 a 31 de julho na área de motores e de 20 a 31 na de transmissões.

A empresa alega necessidade de "ajustar o ritmo de produção à atual demanda do mercado".

Proteção

O setor automotivo aguarda do governo federal uma medida provisória estabelecendo o Programa de Proteção ao Emprego (PPE). Ele prevê a redução em até 30% da jornada e igual porcentual para os salários, mas metade será bancada pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Após várias promessas, a medida era aguardada para o fim de junho, mas agora os sindicalistas esperam que seja anunciada nos próximos dias.

Se a MP for publicada, a Mercedes poderá adotar o sistema em substituição ao que propôs ontem. A medida é vista por indústria e sindicatos como forma de segurar empregos.

Somando automóveis e comerciais leves, as vendas totais de veículos na primeira metade do ano atingiram 1,318 milhão de unidades, 20,7% a menos do que em igual período de 2014.

Até maio, 6,3 mil trabalhadores foram demitidos nas montadoras. Ontem, funcionários da Mitsubishi voltaram ao trabalho após acordo com a empresa. Eles ficaram parados um dia em protesto contra 150 demissões na fábrica de Catalão (GO).

Só empresas leves sobreviverão

03/07/2015 - Fonte: DCI

Na crise, reduzir custo é importante, mas saber ouvir é essencial

Queda nas vendas, redução da lucratividade, dificuldade de acesso ao crédito, alta nos juros e custos crescentes. Vivemos dias pesados que tornam o ambiente econômico mais complexos. Diante disso, toda empresa precisa reduzir despesas para sobreviver. Mas como fazer isso? O receituário padrão adota o corte de pessoal como primeira medida.

Acredito, porém, que esse remédio amargo está ultrapassado por combater os sintomas da doença e não suas causas. Ao demitir funcionários, a empresa continuará realizando seus processos.

A diferença é que as pessoas que ficaram estarão mais pressionadas e desestimuladas. Isso sem falar no investimento em treinamentos que foram embora junto com os demitidos.

Para ser uma organização leve e de baixo custo é preciso rever a forma de se operar. Apenas uma drástica redução das despesas pode proporcionar isso. No entanto, essa redução só é possível com a ajuda de quem conhece profundamente os processos da companhia: seus funcionários.

Quando fui executivo de uma grande empresa implantamos um programa de Análise de Valor em meio a uma crise.

Em 45 dias definimos uma nova forma de operar com uma redução de despesas de dezenas de milhões de reais, corte de custos acima de 20% por departamento e sem demissões em massa.

Este é o momento ideal para discutirmos com nossos colaboradores sobre a melhor forma de simplificar os processos, perguntando: por que fazemos isso? Por que fazemos dessa forma? É possível fazer de outro jeito e mais barato?

Isso se faz com a participação das pessoas e não com sua demissão. E assim, o ambiente pesado de pessimismo é substituído pelo clima de entusiasmo de transformar a empresa em uma organização leve e ajudá-la a atravessar a crise.

José Luiz Panzeri -Sócio da empresa Panzeri Consultores

Light assina contrato para vender fatia na Renova Energia

03/07/2015 - Fonte: Exame



A Light venderá sua fatia na Renova Energia por 250 milhões de dólares, com o objetivo de fortalecer seu capital de giro e desenvolver outros projetos. A operação, que envolve 15,87 por cento da Renova, será realizada entre Light Energia e SunEdison, mediante o pagamento em ações no fechamento da transação, que ainda não tem data definida.

"A Light Energia esclarece que está avaliando instrumentos à sua disposição para monetizar as ações recebidas, mitigando os riscos de volatilidade do preço das ações e do câmbio", disse a empresa, em fato relevante nesta quinta-feira.

Em agosto de 2011, a Light Energia adquiriu as ações da Renova por 360 milhões de reais, ou 21,36 reais por unit.

"Após ciclo de valorização do investimento, a operação proposta é aderente à estratégia de fortalecimento do capital de giro e de desenvolvimento de outros projetos do portfólio da Light Energia", disse a Light.

O acordo de acionistas da Renova prevê vedação à transferência de ações da Renova por quatro anos a contar da data do acordo, em dezembro passado. Também estima direitos de preferência e de venda conjunta dos demais acionistas sócios na hipótese de transferência de ações da Renova para terceiros.

Já o acordo de acionistas de novembro de 2012, ao qual a Cemig GT aderiu em setembro de 2014, define que, caso um dos acionistas controladores da Renova deseje transferir suas ações, o BNDESPar teria o direito de transferir até a totalidade de suas units ao comprar na mesma transação e nas mesmas condições.

Minério de ferro renova mínima de 10 semanas na China com alta nos estoques

03/07/2015 - Fonte: DCI

XANGAI - Os preços do minério no mercado à vista da China renovaram nesta sexta-feira a mínima de 10 semanas, no sétimo dia consecutivo de perdas, em meio a um aumento na oferta e uma redução na demanda das siderúrgicas locais.

O minério com entrega imediata no porto de Tianjin recuou 3 por cento nesta sexta-feira, para 54,10 dólares por tonelada, menor nível desde 23 de abril, segundo o The Steel Index.

A persistente fraqueza do mercado de aço da China, impactado por uma economia mais frágil e uma desaceleração no mercado imobiliário soma-se ao crescente estoque de minério de ferro nos portos chineses.

"A demanda na distribuição de aço continua muito fraca", destacou Zhao Chaoyue, analista da Merchant Futures, em Guangzhou.

Os estoques de minério de ferro em 42 portos chineses subiram 1,7 por cento, para 81,97 milhões de toneladas, na comparação desta sexta-feira com uma semana antes, segundo dados da consultoria Umetal.

O governo da China disse nesta sexta-feira que irá permitir que navios gigantes, com capacidade para 400 mil toneladas, atraquem nos portos do país, oficialmente encerrando mais de três anos de embargo que havia afetado principalmente o transporte de minério da brasileira Vale.

Produção de aço no Japão deve cair 6% no 3o trimestre, diz ministério

03/07/2015 - Fonte: DCI

A produção de aço bruto do Japão vai cair 6,1 por cento no trimestre de julho a setembro ante igual período do ano anterior segundo projeções, informou o Ministério da Economia, Comércio e Indústria do país nesta sexta-feira.

A previsão para a demanda entre julho e setembro por produtos de aço, incluindo os destinados a exportações, é de queda de 3,4 por cento, para 24,21 milhões de toneladas, de acordo com o ministério, que citou uma pesquisa da indústria.

As estimativas para exportações preveem queda de 5 por cento, disse o ministério.